

DOSSIÊ 50 ANOS DAS LETRAS DA UFAC: UMA APRESENTAÇÃO

DOI: <https://doi.org/10.29327/210932.1.1-1>

Aline Suelen Santos
Universidade Federal do Acre
aline.santos@ufac.br

<https://orcid.org/0000-0002-2621-4256>

Camila Bylaardt Volker
Universidade Federal do Acre
camila.volker@ufac.br

<https://orcid.org/0000-0002-7554-5406>

Claudia Vanessa Bergamini
Universidade Federal do Acre
claudia.bergamini@ufac.br

<https://orcid.org/0000-0002-3528-7465>

As Letras da UFAC fizeram 50 anos. Cinquenta anos de história de formação de professores de Letras no estado do Acre. E esta edição comemorativa, além de celebrar a trajetória e importância da criação dos cursos de Letras da Universidade Federal do Acre, vem marcar também o papel dessa formação no fazer científico desta instituição de ensino superior.

No que se refere à criação, os primeiros cursos superiores do Brasil surgiram com a vinda da família real portuguesa, em 1808. Na época, foram abertas as cátedras de medicina e engenharia. Até que o país pudesse ostentar uma política educacional que incorporasse os cursos superiores, muitos anos se passaram. Foi somente com o Decreto n.º 19.851, de 11 de abril de 1931, que o estatuto do ensino universitário brasileiro foi instituído. O artigo 5º estipulava que uma universidade para se constituir como tal precisaria de ter pelo menos três dos seguintes cursos: Direito, Medicina, Engenharia e Educação, Ciências e Letras. Sendo assim, considera-se que a primeira universidade brasileira (que obedece a esse artigo) é a Universidade de São Paulo, fundada em 1934, integrando, em seu currículo, cursos de graduação voltados para formação de professores, inclusive, na área de Letras.

Entre a fundação desses primeiros cursos superiores de Letras e o momento em que esses cursos se espalharam pelo Brasil, passaram-se, novamente, muitos anos. Entre as décadas de 1950 e 1970, todas as unidades federativas montaram seus próprios cursos. O Acre abriu o seu em 1971, através do decreto 187, de abril de 1964. O curso de Letras só começaria a

funcionar alguns anos depois, compondo a gênese do que hoje consideramos a Universidade Federal do Acre. Primeiro, em Rio Branco, campus sede, com os cursos de licenciatura dupla, a saber: Letras Português/Inglês e Letras Português/Francês. Em seguida, em novos espaços com as ofertas, regularmente, no município Cruzeiro do Sul e, não regularmente, em outros municípios do Estado do Acre, frutos dos trabalhos de interiorização das universidades públicas, o que dirimiu as distâncias e garantiu a formação de professores em cidades mais distantes do campus sede. De Boca do Acre, município do Amazonas, às diversas cidades do estado Acre, tais como: Plácido de Castro, Acrelândia, Xapuri, Feijó e Tarauacá, o curso de Letras da Universidade Federal do Acre formou inúmeros licenciados em Letras-Português, através de programas de formação de professor.

Além da expansão pelo interior do estado do Acre, ao longo das décadas, as Letras da UFAC passaram por várias transformações. Em 1987, uma reformulação das habilitações dos cursos de Letras foi aprovada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão e as duplas licenciaturas passaram a ser licenciaturas únicas, representadas, agora, pelos cursos de Letras Português, de Letras Francês e de Letras Inglês. Ainda no interior do campus sede, novos cursos de Graduação também surgiram, a exemplo do de Letras Espanhol e, mais recentemente, do de Letras Libras, compondo as Letras em cinco formações de nível superior: Português, Francês, Inglês, Espanhol e Libras.

Na Pós-Graduação, as Letras também conquistam seu espaço. O programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) e o programa de Mestrado Profissional (Profletras), no compromisso da formação contínua, desenham novos territórios para as Letras da UFAC e eles passam a oferecer novas perspectivas no campo vasto das pesquisas desenvolvidas no âmbito da grande área das Letras.

Seja na Graduação, seja na Pós-Graduação, transitar pelas Letras na UFAC é percorrer o letramento institucionalizado. Não no sentido de erudição, que, talvez, uma leitura apressada dessa formação possa suscitar. É uma prática do senso comum associar o profissional das Letras à ideia de que diante dele *não posso falar “errado”* ou de que esse profissional conhece a língua, em uma referência à língua como sinônimo de gramática (como se usar bem a língua fosse apenas usar adequadamente a gramática normativa). O sentido que se alça sobre esse letramento toma, com orientação aos estudos da Leda Tfouni (2010), questões que se preocupam, não somente com a aquisição de leitura e de escrita, mas com práticas (que envolvem fala, leitura e escrita) que tenham “preocupações políticas e sociais de inclusão e justiça, principalmente através dos mecanismos educacionais” (TFOUNI, 2010, p. 8).

Não se trata também de pensar uma formação em Letras sem partido, o que seria de uma ingenuidade mascarada, já que até para se formular uma pressuposição “apartidária” é necessário resguardar uma posição ideológica. Trata-se antes de assumir uma posição ideológica que reflete sobre as práticas sociais e sobre os mecanismos educacionais, sem reforçar uma determinada estrutura ideológica, a exemplo do que historicamente inscreveu a formação nos cursos de licenciatura, e em referência especificamente às Le-

tras, somos “filhos” de uma formação baseada na competência e na habilidade da aquisição da leitura e da escrita e, portanto, na ideia de “compreensão/competência” leitora. Não se trata ainda de apagar a discussão sobre habilidades e competências no ensino, mas já vemos um distanciamento - principalmente nas teorias que movem o conceito de letramento na década de 1980 - dessa formação pautada no capacitismo (no indivíduo).

Se tomamos a formação em Letras como uma das práticas de letramentos, diríamos que se trata de pensá-las vinculadas a uma agenda política, a partir de um contexto sócio-histórico que influencia diretamente nas práticas profissionais (formais ou não), a exemplo de nós, professores. Estamos a situar a formação em Letras numa discussão que a assuma como uma prática social que ganha diferentes contornos diante do cenário histórico, político e cultural na qual ela emerge. As letras *engendram suas próprias aventuras no espaço*¹, quando transformadas em palavras. E é quando transformadas em palavras que carregam ideologicamente os sentidos evocados das práticas orais e letradas - produtos da cultura, da história e dos discursos - das quais elas, as palavras, manifestam.

De tal modo, quando refletimos sobre a formação em Letras e, sobretudo, quando pensamos especificamente na formação ofertada ao longo dos 50 anos do curso de Letras da UFAC, entendemos que a formação em Letras se desdobra em quatro formações, a saber: humana, intelectual, social e profissional.

A formação humana é inerente ao desenvolvimento do aluno quanto à organização, ao coletivismo, à independência e à responsabilidade, refere-se, por isso, às atitudes desenvolvidas ao longo do curso e para a execução deste.

A formação intelectual diz respeito à aquisição de práticas e métodos que promovam ao aluno a reflexão diante dos conteúdos estudados e, em especial, diante do mundo. Trata-se de despertar no indivíduo o espírito crítico e uma atitude científica frente aos fatos.

A formação social perpassa os sentimentos do estudante como parte de um grupo e a relação com o outro, de forma a aprender a conviver, trabalhar em equipe, lidar com opiniões divergentes, posicionando-se crítica e respeitosa face às questões postas.

A formação profissional inclui o desenvolvimento das práticas necessárias à profissão, a capacitação do aluno para o enfrentamento teórico e prático que a docência exige. Para tanto, nela está incluído o despertar do senso ético profissional e do compromisso de exercer a profissão de modo a promover o benefício do outro, ou seja, do aluno.

Os quatro itens são essenciais à formação em Letras, uma vez que compreendem formar o ser humano de modo amplo, não com vista somente ao mercado de trabalho. O profissional de Letras é, pois, aquele cuja prática incorpora um compromisso ético e social, por meio de ações educativas e sociais.

Os textos que compõem esse dossiê evocam, cada um da sua maneira, essas questões que esboçamos nos parágrafos anteriores. O artigo de Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, “Lectramentos em perspectiva histórica: do império da escrita aos sonhos do pós-pan-

¹ Referência ao poema *As palavras* de Gilberto Mendonça Teles. Para leitura na íntegra do poema, consultar a Coleção “Melhores Poemas” organizada por Luiz Busatto e publicada pela editora Global, em 2007.

demia”, abre o dossiê, apresentando uma reflexão crítica sobre o efeito dos letramentos, incidindo sobre a concepção de escola no pós-pandemia.

Ceildes da Silva Pereira se debruça sobre a noção de leitura que permeia os planos de curso da área das Letras da UFAC, em um percurso histórico que podemos ler no artigo “Mudanças e perspectivas sobre leitura nos 50 anos do curso de Letras da UFAC”. Maria Inês de Almeida, em “Práticas da Letra, universidade e povos indígenas: ensaio de um laboratório intercultural”, disserta sobre como a universidade e os seus cursos de graduação e pós-graduação em Letras podem se abrir para novas linguagens e inscrever em seus currículos a interculturalidade e a transdisciplinaridade. Para isso, a autora apresenta um panorama das disciplinas que se aproximam da temática indígena nos cursos de Letras do CELA e do CEL, na UFAC, demonstrando como a pós-graduação, especificamente o PPGLI e o seu LaBinter, podem apontar caminhos para que a UFAC aproveite cada vez mais os saberes indígenas que convivem em seu território. Já Maria Amélia Dalvi, em “A área de Letras, o projeto de sociedade e a formação humana necessária à nossa realidade”, nos presenteou com um texto que reflete sobre como um profissional de Letras deveria reorientar seus conhecimentos de maneira a partilhar mais efetivamente sua função na sociedade.

Os últimos artigos do dossiê exemplificam a diversidade de temas que a grande área de Letras pode abrigar. Selmo Azevedo Apontes e Joaquim Paulo Mana de Lima Kaxinawa, em “Vocabulário Karipuna - Pano: esboço de tabela fonética a partir de dados de Martius (1863) e Faria (1927)”, nos trazem uma análise de dados que compete à pesquisa na área da linguística, mas tangencia outros campos, como a etnografia e a história; seu artigo versa sobre hipóteses para uma tabela fonética de uma língua da família Pano. Já Ana Cláudia de Souza Garcia, Lucas Vargas Machado da Costa e Sandra Mara Souza de Oliveira Silva, em “Cobra Norato, o ser encantado: tradição oral e performance na encantaria amazônica”, contemplam as aproximações entre literatura oral e cultura.

O dossiê comemorativo também conta com quatro entrevistas. A primeira, com Rildo José Cosson Mota: o pesquisador responde perguntas sobre sua carreira, sobre letramento e sobre as perspectivas e desafios para o profissional de Letras na atualidade. Depois, temos duas entrevistas com antigos professores do curso de Letras Francês, Dagoberito Rodrigues de Souza e Joaquim Santana Caixeta: os dois contam como foi trabalhar na UFAC, rememorando experiências, histórias e afetos. A professora Lindinalva Messias do Nascimento, que atua na UFAC desde 1980, também traz para os leitores do dossiê um pouco de sua longa história na instituição.

Nós, editoras desse dossiê, agradecemos a todos os autores que contribuíram com essa publicação, seja através de entrevista, artigo ou ensaio. Agradecemos também à equipe da Revista Muiraquitã, e em especial ao editor chefe e aos revisores, que aceitaram publicar esse número. Para nós, é uma grande honra ter podido participar de uma comemoração tão ímpar e tão importante.

Esperamos que os leitores apreciem esse singelo apanhado de documentos que atestam um pouco da história de nossa instituição. Todos os textos que compõem esse dossiê celebram a amplitude das Letras e a importância da área para identificação e composição de nossa Universidade. Que os cursos de Letras da UFAC possam seguir inscrevendo suas marcas através dos tempos na nossa sociedade!

Boa leitura,
Aline, Camila e Claudia

REFERÊNCIAS

STREET, Brian V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

TELES, Gilberto Mendonça. As palavras. In: _____. **Melhores poemas**. Seleção de Luiz Busatto. 4. ed. São Paulo: Global, 2007. p. 75 (Coleção 'Melhores Poemas').